

Metáfora e mesclagem em expressões cotidianas

Sandra Pereira Bernardo¹

Naira de Almeida Velozo²

Caroline Martins da Silva³

Resumo: Análise de 16 excertos conversacionais que evidenciam expressões metafóricas encontradas no *Banco de Dados Interacionais* (RONCARATI, 1996), volume que reúne transcrições de conversas gravadas entre novembro de 1989 e janeiro de 1991, totalizando cerca de 270 minutos. Com duração entre 5 e 30 minutos, as 13 conversas que compõem volume foram segmentadas em 9927 unidades entonacionais com base no sistema de Chafe (1988), com adaptações de Du Bois et alii (1992). Entre essas unidades, foram encontradas 82 expressões metafóricas básicas que revelam a subjacência de domínios fonte e alvo amplamente apontados na literatura: RECIPIENTE; ESPAÇO; SUBSTÂNCIA; TRAJETÓRIA; DISCUSSÃO; IDEIA/PENSAMENTO; QUANTIDADE/ESCALA.

Palavras-chave: Metáfora conceptual. Mesclagem. Conversa informal.

Abstract: Analysis of 16 conversational excerpts that highlight metaphorical expressions found in the Interactional Database (RONCARATI, 1996), a volume that assembles transcripts of recorded conversations between november 1989 and january 1991, totaling about 270 minutes. With duration between 5 and 30 minutes, the 13 conversations which take part of the volume have been segmented into 9927 intonational units based on Chafe's system (1988), with adaptations of Du Bois et al (1992). Among these units, it could be found 82 basic metaphorical expressions that reveal the underlay of source and target domains widely reported in the literature: CONTAINER; SPACE; SUBSTANCE; TRAJECTORY; ARGUMENT; IDEA/THOUGHT; QUANTITY/SCALE.

Key words: Conceptual metaphor. Blending. Casual conversation.

Résumé: Analyse de 16 extraits de conversation qui indiquent expressions métaphoriques trouvés dans la Base Interactionnelle (RONCARATI, 1996), un

¹ Professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

² Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ; Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³ Bolsista de iniciação científica – CNPq na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

volume qui répond à des transcriptions de conversations enregistrées entre novembre 1989 et janvier 1991, totalisant environ 270 minutes. Avec une durée comprise entre 5 et 30 minutes, les 13 conversations qui font partie du volume ont été segmentés en 9927 unités d'intonation basé sur le système de Chafe (1988), adapté de Du Bois et al (1992). Parmi ces unités, 82 expressions métaphoriques élémentaires ont été trouvés qui révèlent la sous-jacence des domaines source et cible largement rapportés dans la littérature: RECIPIENT; ESPACE; SUBSTANCE; TRAJECTOIRE; DISCUSSION; IDEE/PENSEE; QUANTITE/EHELLE.

Mots clés: Métaphore conceptuelle. Fusion. Conversation informelle.

Introdução

Segundo Lakoff e Johnson (2002[1980]), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 43). Essa assunção basilar exprime a relevância do papel da metáfora conceptual nos processos de construção de sentidos, pois continua perpassando os desenvolvimentos do trabalho fundador de Lakoff e Johnson. A análise de trechos conversacionais ora apresentada será norteadada por tal concepção de metáfora e metonímia, aliada às teorias da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e dos esquemas imagéticos (GIBBS Jr; COLSTON, 2006).

As expressões metafóricas em estudo compõem passagens de conversas informais do *Banco de Dados Interacionais* (RONCARATI, 1996), publicação que reúne a transcrição de treze interações com duração entre 5 e 30 minutos, totalizando cerca de 270 minutos gravação. As conversas, gravadas entre novembro de 1989 e janeiro de 1991, foram segmentadas em 9927 unidades entonacionais, conforme o sistema de transcrição de Chafe (1988), com adaptações de Du Bois *et alii* (1992).

Os achados apresentados neste texto correspondem a uma etapa de pesquisa, em andamento, que visa a investigar o tipo de conceptualização metafórica presente em conversa informal, no que tange às formas linguísticas usadas como gatilho/veículo para a postulação de uma metáfora conceptual e aos domínios fonte e alvo, subjacentes à conceptualização, construída conjuntamente pelos participantes da interação.

Considera-se que os excertos analisados aqui revelam o acionamento dos seguintes domínios⁴: RECIPIENTE; ESPAÇO; SUBSTÂNCIA; TRAJETÓRIA; DISCUSSÃO; IDEIA/PENSAMENTO; QUANTIDADE/ESCALA. Os trechos selecionados integram os 82 casos de expressões metafóricas encontradas entre as 9927 unidades entonacionais.

O pequeno número de ocorrências corrobora o desafio de estudar conversas espontâneas, apesar da naturalidade e da aparente facilidade com que pessoas interagem, devido aos seus múltiplos aspectos: raciocínios, inferências, posições negociadas, deslocamentos de tópicos, mudanças de perspectivas, gerenciamento de informações e de interação, entre outras variáveis sociais e cognitivas, acionadas simultaneamente. O desafio começa com as dificuldades de coleta de amostras de fala, sem qualquer tipo de monitoramento, em presença de um gravador ou de uma filmadora.

Concernente ao estudo de metáforas conceptuais, esse desafio aumenta, visto que, embora a metáfora seja reconhecida no âmbito da Linguística Cognitiva como um processo de construção de sentidos, não se pode controlar o momento em que possa surgir durante uma

⁴ Outros domínios foram analisados em outro artigo. Como a fundamentação teórica e algumas reflexões são comuns à pesquisa em andamento, alguns trechos deste texto figuram em outras publicações. Esse é o caso de seção de fundamentação, por exemplo.

conversa com planejamento *online* e gerenciamento de tópicos discursivos livremente negociados pelos participantes da interação. Logo, em razão do caráter informal e do planejamento local das interações, o número de ocorrências não causou estranhamento.

Algumas dessas ocorrências são tão convencionais que configuram metáforas primárias ou esquemas de conhecimentos basilares, relacionados ao caráter corporificado da construção de sentidos conjunta dos interlocutores. Além disso, foi possível comprovar as observações de estudos sobre metáforas e metonímias, bem como perceber, nestes dados, alguns aspectos relevantes sobre a ativação de pensamento metafórico.

Antes de passar à análise, serão apresentados os fundamentos teóricos deste estudo.

Fundamentação teórica

Concebidas na Linguística Cognitiva como uma forma de pensamento, as metáforas permitem a conceptualização de um domínio em termos do outro. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. Por exemplo, a compreensão de discussão em termos de guerra, presente em “seus argumentos são *indefensáveis*”; “ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação” e “suas críticas foram *direto ao alvo*”, evidenciada pelas expressões linguísticas grifadas, ilustram a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Essa metáfora surge da integração entre

dois domínios distintos: o domínio fonte GUERRA com base no qual o domínio alvo DISCUSSÃO é experienciado.

Semelhantes às metáforas, na Linguística Cognitiva, metonímias também apresentam uma natureza conceitual, porque consistem em um processo cognitivo em que uma entidade conceitual, um veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo domínio, ou modelo cognitivo idealizado (KÖVECSES, 2010a, p. 173). A relação entre metáforas e metonímias conceptuais pode revelar metáforas motivadas por metonímias e metonímias constituídas por metáforas de modo que ambas podem ser vistas como processos escalares.

Vários estudos foram desenvolvidos desde o trabalho fundador de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), no sentido de verificar a universalidade e a variação nas conceptualizações metafóricas, bem como a criatividade e a convencionalidade desse processo. Além disso, investigações sobre o contexto de uso da metáfora e sua relação com questões culturais tomaram corpo, a fim de testar a existência das metáforas, postuladas introspectivamente por Lakoff e Johnson, e o escopo da própria teoria da metáfora conceptual.

Kövecses (2010b), além de relacionar metáforas criativas ao mecanismo cognitivo da mesclagem, defende que a conceptualização metafórica expressa cotidianamente está sujeita a dois tipos de *pressão por coerência*: a pressão das experiências corporificadas e a pressão do contexto de ocorrência da conceptualização. A discussão em torno do corpo e do contexto de uso da metáfora leva à questão da universalidade e da variação na conceptualização metafórica.

Metáforas primárias, ligadas a esquemas imagéticos de QUANTIDADE e VERTICALIDADE, oriundos da relação entre corpo e

ambiente, como BOM É PARA CIMA, apresentam um potencial para universalidade, ao passo que metáforas sensíveis ao contexto de uso evidenciam a variação metafórica. Um exemplo de metáfora sensível ao contexto é a versão chinesa para a metáfora RAIVA É FLUIDO QUENTE NUM CONTÊINER, baseada na noção culturalmente significativa de *qi*, uma energia conceptualizada como um gás (ou fluido) que corre pelo corpo e pode crescer, gerando um excesso, quando se sente raiva. Assim, encontra-se em chinês a metáfora RAIVA É EXCESSO DE *QI* NO CORAÇÃO, como em “the anger *qi* in one’s heart” (KÖVECSES, 2010a, p. 200).

Kövecses (2010b) relaciona, portanto, corporificação à universalidade e contexto à variação, como dois aspectos da pressão por coerência na conceptualização metafórica, aos quais os falantes estão submetidos ao organizarem conceptualmente seu pensamento usando metáforas. Dois tipos de contexto são postulados pelo autor: global e local. O primeiro reúne fatores contextuais que afetam toda uma comunidade de linguística, quando algo é conceptualizado metaforicamente. O segundo diz respeito a fatores contextuais que afetam conceptualizadores particulares em situações específicas.

Entre os contextos globais, apontados por Kövecses (2010b), encontram-se os seguintes: (i) ambiente físico (geografia, fauna, flora); (ii) fatores sociais, como diferenças nas metáforas produzidas por homens e mulheres; (iii) contexto cultural, como conceitos e valores em foco que podem determinar domínios de experiência usados em metáforas; (iv) memória seletiva (*differential memory*), como fatos do passado que podem interferir na conceptualização de certas metáforas; (v) interesses e preocupações diversas presentes em toda a sociedade, que podem gerar metáforas acerca dos acontecimentos, como, por

exemplo, as metáforas futebolísticas do ex-presidente Lula para preocupações políticas e sociais durante seus mandatos. Contextos globais e locais são vistos num *continuum* do local mais imediato ao global mais geral.

Em termos de contexto local, Kövecses (2010b) analisa o efeito do contexto físico imediato, como furacões e enchentes, que podem gerar metáforas em uma cidade. Outro contexto local, relacionado ao uso de metáforas, é o conhecimento das entidades participantes do discurso, que incluem o falante, o ouvinte (ambos conceptualizadores) e a entidade ou o processo sobre o qual se fala (tópico, tipo de conhecimento ou informação expressa explicita ou implicitamente numa porção de discurso, segundo Kövecses).

O contexto cultural imediato também orienta o uso de metáforas, como no caso da manchete de “Desfile na Mangueira” (*Meia Hora*, 16/06/2011), intitulado uma notícia sobre a implantação de uma nova Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no morro da Mangueira, que estabelece uma analogia com a escola samba Mangueira, uma instituição cultural da cidade do Rio de Janeiro. O emprego da palavra *desfile* permite conceptualização metafórica do evento por meio da metáfora INCURSÃO MILITAR É DESFILE ALEGÓRICO (IGNACIO, 2013), já que tal incursão acontece com a subida de carros blindados militares ao local.

A manchete do jornal *Meia Hora* (20/08/2011), “PF prende 40, mas o ‘Ali Babá’ escapa” (IGNACIO, 2013), ilustra o papel do contexto social imediato, porque envolve o conhecimento das relações sociais entre policiais federais e bandidos, bem como o conhecimento do personagem literário Ali Babá. Fundamentado pela metáfora conceptual PESSOAS SÃO PERSONAGENS DE LITERATURA, segundo Ignacio

(2013), ao chefe dos bandidos que conseguiu fugir são atribuídas características do personagem em questão.

O último contexto local analisado em Kövecses (2010b) é o linguístico. Em Ignacio (2013), encontra-se um caso de efeito do contexto linguístico imediato na manchete do jornal *Meia Hora* sobre a morte da cantora Amy Winehouse, “Bebeu, fumou, cheirou e dançou. Amy-a ou deixe-a” (27/07/2011). A primeira frase da manchete, um antetítulo em letras menores, evoca o modo de vida polêmico e agitado da cantora, causador de sua morte, que, por sua vez, evoca uma relação com a segunda frase em letras maiores, a manchete propriamente dita, na medida em que, com seu estilo vida, a cantora provocava opiniões extremadas, sendo amada ou desprestigiada.

Além do contexto linguístico da relação entre as duas frases da manchete, o contexto histórico-cultural também está presente na analogia entre a segunda parte da manchete e a frase conhecida pelos brasileiros que vivenciaram a ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Como os conhecimentos histórico-culturais ativados referem-se a um episódio relativamente recente em termos históricos, poder-se-ia considerar esse contexto cultural local a meio caminho do contexto cultural global no *continuum*, pois somente um falante de certa faixa etária e/ou um falante com conhecimento histórico pode estabelecer tal analogia.

Como ressalta Kövecses (2010b), os contextos locais e globais podem afetar conjuntamente a conceptualização metafórica. A interação entre contexto linguístico e cultural também aparece na manchete “Errar o Mano”, que evoca o dito popular “Errar é humano”. O entrelaçamento dos contextos que afetam o uso de metáforas leva a

um conceito que Langacker (2008, p. 281) denomina *espaço discursivo corrente*, definido como contendo “tudo que é presumidamente partilhado por falante e ouvinte como base para o discurso num dado momento”. Nesse contexto, Kövecses (2010b) ressalta que os contextos propostos são gatilhos para conceptualização metafórica.

Os domínios fonte e alvo, ativados nas projeções metafóricas, compreendem conhecimentos armazenados na forma modelos cognitivos idealizados (MCIs): um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987). Alguns dos MCIs subjacentes às conceptualizações são fundamentados por esquemas imagéticos, que se formam por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações experienciadas na interação com o ambiente (GIBBS; COLSTON, 2006 [1995]).

MCIs e esquemas imagéticos tornam-se rotinas cognitivas, armazenadas na base do conhecimento, devido à natureza corporificada e enciclopédica da construção de sentidos. Semelhantes aos MCIs, na medida em que se relacionam a estruturas de conhecimentos relativamente complexas, os *frames* podem ser definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373, tradução minha).

Esses MCIs ou domínios são ativados dinamicamente e localmente por espaços mentais integrados e interconectados à medida que o sistema conceptualizador humano aciona rotinas cognitivas para processamento e compreensão de tudo que nos cerca. Os espaços

mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos durante o pensamento e a fala. Trata-se de construtos parciais que contêm elementos estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Embora operem na memória de trabalho, tais espaços são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo.

Do pensamento mais simples a pensamentos complexos e imaginativos, a forma como se pensa, ao se processar informações e conhecimentos de todos os tipos, deve-se, em muitos casos, à integração (ou mesclagem) conceptual. O sistema conceptualizador humano é dotado de grande potencial simbólico para construir significados. Como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6), isso é possível devido a três operações cognitivas básicas interrelacionadas: identidade, integração e imaginação.

Perceber *identidade*, equivalências e oposições, entre todas as coisas (concretas ou abstratas), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado da mente. Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a *imaginação*, pois, mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias.

Logo, a integração (ou mesclagem) conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa, que surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços: (a) espaços iniciais de entrada – *espaços-input* 1 e 2 interconectados; (b) espaço genérico, que se projeta sobre cada um dos *inputs*, contendo o que esses dois espaços têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração

conceptual; (c) espaço-mescla – em que elementos dos espaços iniciais (*inputs*) são parcialmente projetados.

Qualquer espaço pode ser *modificado* em qualquer momento da construção da rede de integração. Isso ocorre porque o significado não é construído em nenhum dos espaços especificamente, mas reside na reciprocidade dos arranjos elaborados e suas respectivas conexões. Logo, a ordem desses esquemas pode ser reorganizada a todo o momento. Espaços, domínios e enquadramentos podem proliferar-se e modificar-se, resultando assim em novos espaços-mescla não previstos anteriormente e também provocando transformações naqueles já previstos.

Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o *input* de outro processo de integração conceptual. Um fato motivador fundamental da mesclagem é a integração de vários eventos em uma única unidade. Um exemplo de Fauconnier e Turner (2002) que ilustra bem essa característica é a conceptualização de cerimônias de formaturas, cujo conceito representa em um único evento todas as etapas percorridas ao longo dos anos da graduação, comprimidos no espaço-mescla.

Assim, a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando os seres humanos mais eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais, denominadas relações vitais (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 92).

As teorias da metáfora e da mesclagem conceptuais podem ser consideradas complementares (GRADY et al., 1999), porque, embora

existam metáforas primárias motivadas por correlações de experiências físicas e/ou perceptuais básicas, como IMPORTÂNCIA e TAMANHO, que, segundo a literatura, não envolvem mesclagem, tais metáforas podem configurar *inputs* para meclagem. Assim, as metáforas primárias são baseadas em uma correspondência entre conceitos, em vez de domínios inteiros – embora os conceitos da fonte primária e do alvo primário estejam em domínios diferentes (EVANS; GREEN, 2006, p. 437).

Pretende-se mostrar, ao longo da análise proposta na próxima seção, a relação entre metáfora e mesclagem, porque se acredita que mesmo expressões primárias, envolvendo, em alguns casos, a ativação de ditos populares, revelam um pensamento complexo. Algumas passagens das interações com expressões usadas cotidianamente parecem requerer a ativação de espaços mentais e não somente uma projeção entre dois domínios, como se o pensamento metafórico fosse processado via mesclagem.

Expressões metafóricas e metonímicas cotidianas

Os excertos analisados são identificados pela sigla “BDI”, seguida do número da conversa e das unidades entonacionais (UEs). Os participantes das interações são identificados pelas letras iniciais de seus nomes entre parênteses na transcrição e nas referências às suas falas ao longo desta seção.

Os excertos (1), (2) e (4) foram extraídos do BDI 1, ou seja, a primeira conversa transcrita do Banco de Dados Interacionais, cujo tópico central foi o resultado do primeiro turno das eleições de 15 de

novembro de 1989, entremeado por tópicos ligados à refeição em andamento durante a interação, ocorrida no restaurante Burguesão do Centro de Tecnologia da UFRJ. Nove falantes (5 moças e 4 rapazes) encontram-se sentados em torno da mesa, o que gera conversas paralelas em alguns momentos.

Os participantes partilham o contexto local, já que todos se conhecem por serem moradores do alojamento da universidade, por isso a conversa ocorre sempre num clima descontraído. Também partilham o contexto global nacional, relacionado ao resultado das eleições e todas as discussões envolvendo os dois candidatos que avançaram para o segundo turno – Lula e Collor. O papel do compartilhamento desses contextos revela-se em expressões conceptualizadas metaforicamente, incluindo algumas ligadas ao contexto físico imediato da interação: a refeição.

No excerto (1), as falantes (Nei) e (Jur) lamentam o fato de Brizola não ter avançado para o segundo turno, assumindo-se como “companheiras”, uma possível referência à palavra que Lula costumava usar ao se dirigir às pessoas em discursos; logo, partilhando um contexto linguístico evocado pelo contexto eleitoral. Depois das considerações sobre as preferências políticas de (Nei) e (Jur), o falante (Mar) referencia o título do filme *Amargo regresso*, sobre a volta para a casa de um soldado americano que ficou paraplégico devido à guerra do Vietnã, provavelmente para relacionar as dificuldades do herói ao resultado de Brizola nas urnas depois da volta às eleições diretas para presidente.

Na sequência, a falante (Jur) alude a um possível fiasco de Lula como representante da esquerda no segundo turno das eleições em tom jocoso: “Juntos *tomaremos lá*”, seguida das contribuições nesse sentido

de (Al) e (Nei). A expressão *tomaremos lá*, que evoca um xingamento, remete às consequências do resultado final das eleições para os eleitores de Brizola. Na sequência, o falante (Mar) defende a posição de que, ao rir de Lula no segundo turno, os eleitores dos representantes da esquerda estariam rindo de si mesmos. Como as falantes brizolistas se calam por alguns segundos, (Mar) reitera que estava brincando usando uma expressão metafórica sobre o olhar de uma delas.

(1) BDI 1

092 (Nei) Ih

093 Esqueci que você é meio brizolista

094 minha amiga

095 (Jur) Pois é

096 (Nei) Minha companheira.

097 (Jur) Pois é.

098 (Nei) Choramos juntas.

099 (Jur) Hum.

100 (Nei) Tem nada não Jurema.

101 (Mar) Amargo regresso

102 (Jur) Juntos *tomaremos lá*. ((Rindo))

103 (Al) *Tomarão*

104 (Nei) A gente vai rir do Lula no segundo turno.

105 (Mar) E da gente

106 e de todo mundo

107 não dele né?

108 (Jur) Pois é

109 juntos *tomaremos lá* ((Rindo))

110 (Al) E da gente mesmo né?

111 (Mar) E da gente né?

112 Não do Lula

119 (Mar) Eu falei isso brincando.

- 120 *Você me olhou com um ar*
 121 *de seriedade.*
 122 (?) Eu não

Embora não tenha sido audível a quem é atribuída a impressão de *olhar com seriedade*, apesar do tom jocoso da sequência, a ênfase de que estava brincando por parte do falante (Mar) revela a pressão por coerência (KÖVECSES, 2010b) a que os conceptualizadores estão submetidos em interações face a face. Subjaz à construção de sentido das UEs 120-121, a metáfora OLHOS SÃO RECIPIENTES DE EMOÇÕES, ligada ao esquema imagético de CONTÊINER, uma especificação da visão esquemática do CORPO como CONTÊINER de onde se retira e se coloca emoções e ideias. A compreensão dos olhos como a parte do corpo que revela estados mentais e emocionais é metonimicamente motivada.

Também ligado à corporificação dos sentidos e ao papel dos esquemas imagéticos na construção de sentidos, pode-se destacar o emprego do verbo *tomar* nas UEs 102 e 109, empregado metaforicamente para experienciar OPINIÕES sobre o contexto político como SUBSTÂNCIAS. Portanto, observa-se no excerto (1) sentidos produzidos com base no esquema imagético de CONTÊINER, que, como uma *gestalt* experiencial fundamenta as conceptualizações metafóricas metonimicamente motivadas por meio da ativação dos domínios CORPO/PARTES DO CORPO e de RECIPIENTE como depositórios de SUBSTÂNCIAS e EMOÇÕES/ESTADOS MENTAIS.

Apesar de as duas passagens destacadas envolverem o conhecimento das expressões usadas em xingamento, no caso de *tomar lá*, e em ditos, no caso de os olhos serem a janela da alma, acredita-se que ativação dessas percepções durante a construção conjunta do

discurso *online* não requer apenas a projeção entre dois domínios, mas a integração de espaços mentais abertos dinamicamente ao longo da conceptualização. Em outras palavras, as metáforas/metonímias conceptuais estariam disponíveis nas bases de conhecimento humano, mas sua ativação ocorreria por meio de integração ou mesclagem conceptual.

A conceptualização do *olhar com ar de seriedade* envolve a ativação de um espaço para o domínio do CORPO e suas partes; um espaço para o domínio das EMOÇÕES e ESTADOS MENTAIS e um espaço genérico básico que mantém o conteúdo dos dois espaços iniciais disponível para o estabelecimento das projeções seletivas necessárias ao estabelecimento da conceptualização, bem como o conhecimento de ditos que armazenam saberes culturais em formulações discursivas. Esse processo cognitivo envolve a compressão da relação vital PARTE-TODO, devido à projeção metonímica, por isso requer a abertura de espaços para processamento da analogia entre os domínios de conhecimento ativados na conceptualização metafórica.

O emprego do verbo *tomar* nas UEs 102 e 109 também envolve a ativação da expressão chula empregada em ofensas e situações ruins. Como remete à afetação de uma parte do corpo também pode ser considerada metonímica. Nesse caso, há abertura de espaços mentais para o acesso à base de conhecimento durante o processo de construção de sentido.

O verbo *tomar* também aparece no excerto (2) em outra expressão bem convencional ligada ao esquema imagético de CONTÊINER que fundamenta a compreensão de IDEIAS como SUBSTÂNCIAS que entram e saem da MENTE. No trecho (2), os falantes brizolistas

continuam a duvidar do desempenho do Lula sem o apoio de Brizola no segundo turno. Embora duvidem da preocupação dos políticos de direita com Lula, defendem a posição de que Lula pode levar o povo a *tomar consciência*, elegendo um trabalhador para presidente.

(2)BDI 1

378 (Nei) O Lula não

379 o Lula não vai sozinho

380 (Inint.) país

381 (Mar) Olha

382 eles não tem medo de

383 de Lula

384 (Nei) Típicos trabalhadores

385 (Mar) Eles têm medo de vocês

386 *tomarem consciência.*

387 (Nei) Vocês vão VER=

388 PT

389 o Partido dos Trabalhadores.

390 Vocês vão ver

393 um operá=rio na Presidên=Cia.

O verbo *tomar* aparece em outra expressão convencional no excerto (3), parte de uma conversa que ocorre no alojamento feminino da UFRJ (BDI 2A), com a participação de seis pessoas (2 rapazes e 4 moças). O trecho (3) ocorre depois que um dos participantes pede água e outro aponta uma garrafa vazia. Na sequência, a falante (Jo) brinca afirmando que sua interlocutora está se negando a pegar água. Nesse caso, a conceptualização pode ser relacionada à metáfora EMOÇÕES SÃO SUBSTÂNCIAS a serem colocadas na MENTE (CONTÊINER).

(3) BDI 2A

049 (Jo) Tá fazendo tudo isso pra eu poder não pedir né?

050 Eu quero ((Risos))

051 Toma

052 *Toma vergonha nessa cara*, ((Risos))

053 anda.

054 (Ana) Ele quer água do filtro.

Nas passagens (2) e (3), a parte do corpo metaforicamente conceptualizada como RECIPIENTE é a cabeça, local onde se processariam pensamentos e algumas emoções/sensações. Embora tais expressões sejam convencionais, por isso consideradas metáforas primárias na literatura, acredita-se que requerem a ativação de espaços mentais integrados para o processamento dos sentidos construídos *online* durante a interação. Nessa perspectiva, postula-se a mesma forma de funcionamento para metáforas primárias e criativas no que tange ao processo de ativação, a diferença residiria no tipo de domínio ativado. Contudo, essa é uma questão a ser melhor investigada/refinada.

É possível também aventar a possibilidade de o contexto físico imediato da interação motivar o acesso às expressões *tomaremos lá* (1), *tomarem consciência* (2) e *Toma vergonha nessa cara* (3) na construção de sentidos do discurso dos falantes. Os excertos (1) e (2) ocorrem numa conversa durante uma refeição; (3) ocorre num ambiente em que há uma geladeira.

Essa interpretação baseia-se em passagens como a do excerto (4 – BDI1), que ocorre depois de os falantes discutirem os efeitos positivos ou não de uma vitória de Collor para presidente. Depois de vários

participantes emitirem sua posição, (Nei) convida uma das interlocutoras que estavam caladas a falar algo.

(4)BDI 1

660 (Nei) Agora pode falar Maruri

661 fala alguma coisa agora ((Som baixo)) (Inint.)

668 (Nei) *Agora fala com o coração.*

669 Antes você tava *falando com a barriga*.

A expressão *fala com coração* remete à busca de uma posição da falante, em oposição ao fato de que esta apenas estava almoçando, *falando com a barriga*, durante a emissão de posicionamentos. Em *fala com coração*, a parte do corpo vista metaforicamente como RECIPIENTE das emoções e opiniões representaria o pensamento da falante; logo, uma conceptualização também metonímica por meio de uma compressão da relação vital PARTE-TODO. Assim, pode-se aventar a conceptualização metafórica e metonímica DISCUSSÃO É CORPO, cujas partes guardam diferentes conteúdos.

A expressão *falando com a barriga* evoca o contexto físico em que a conversa ocorre, porque expressa a ausência de posicionamento da participante que estava apenas almoçando. Trata-se de uma construção de sentido metafórico e metonímico criativa, resultante de uma compressão por desanalogia, em relação a *falar com coração*, porque barriga seria um RECIPIENTE que não guarda opiniões; logo, não fala.

O domínio DISCUSSÃO aparece em outras conceptualizações metafóricas; entre esses, os excertos do BDI 6, que consiste em uma interação entre professora (Reg) e nove alunas de uma turma de pós-graduação do Mestrado em Educação da UFF em 1990. A reunião foi marcada para discussão dos relatórios finais de curso, a partir da

questão sobre o que seria um ambiente alfabetizador, levantada pela professora ao comentar o relatório de uma das suas alunas.

Todas partilham o contexto local da interação, no que tange ao fato de se conhecerem, porque já se encontram no final do período, e de estarem familiarizadas com os tópicos relativos ao conteúdo estudado ao longo do período. O domínio DISCUSSÃO é conceptualizado em termos de ESPAÇO VERTICAL a ser alcançado em (5); de TRAJETÓRIA/PERCURSO em (6) e de ESPAÇO a ser percorrido em (7).

(5) BDI 6

001 (Reg.) Aí na página três

002 quando ela faz aquelas perguntas

003 né?

004 Ela //

005 hã//

006 a intenção das secretarias

007 e tal tal tal

008 sem que haja

09 uma *discussão aprofundada* com os professores

(6) BDI 6

262 (Car) Tem gente que colocou (inint.) no relatório

263 quais são *as discussões que iam caminhar paralelas?*

264 O que que é um *ambiente alfabetizador*

265 e o que é alfabetização.

266 O que você entende por alfabetização.

267eg) Isso.

(7) BDI 6

1197 (Den) Fica muito difícil

1198 a gente *avançar nessa discussão*

Nos excertos (5) e (7), há uma diferença na forma como o ESPAÇO é ativado para a conceptualização. Em (5), a discussão se moveria ao longo do espaço vertical, a fim de alcançar um aprimoramento crescente; em (7), a discussão seria o espaço horizontal sobre o qual as pesquisadoras caminhariam. A conceptualização de (6) foi relacionada ao esquema imagético de TRAJETÓRIA por conta o emprego do verbo *caminhar* e de a falante expressar os dois conceitos que metaforicamente caminhariam juntos nas próximas unidades (264-265). Na EU 264 (6), *ambiente alfabetizador* é conceptualizado com base no esquema imagético de CONTÊINER, numa relação metonímica PROCESSO/AÇÃO PELO LOCAL, porque o conceito não envolve apenas um local físico na escola, mas um conjunto de procedimentos com vistas à alfabetização, conforme se depreende ao longo da interação.

Como se pode observar pela numeração dos turnos, conceitos abstratos ligados ao domínio pedagógico foram conceituados em termos de discussão, questões, com base em noções oriundas das experiências físicas do corpo humano com o meio ambiente, ao longo de toda a interação. Esse aspecto da organização conceptual da interação remete ao papel coesivo do pensamento metafórico e metonímico na construção de sentido.

Também se observou a ativação das noções básicas de ESCALA/QUANTIDADE e FORÇA na conceptualização dos objetivos a serem alcançados no processo de alfabetização. Isso é ilustrado nos excertos (8) e (9). Em (8), a falante emprega a expressão *fora de série* para avaliar uma das crianças em processo de alfabetização entrevistadas. Nesse caso, o menino foi avaliado acima das expectativas.

Em (9), a professora (Reg) lê uma alteração de um dos relatórios, a fim de relacionar o texto à categoria de movimento no tempo de Vigotsky. Esse movimento ao longo da alfabetização é conceptualizado com base no esquema de REMOÇÃO DE BARREIRAS, ligado ao esquema de FORÇA. A concepção de APRENDIZAGEM como CONQUISTA DE AUTONOMIA pode ser originada da relação entre as metáforas APRENDER É LUTAR e AUTONOMIA É OBJETO, já que a criança vai *conquistando mais e mais autonomia*, conforme se sente capaz de aprender, de modo a superar a NÃO AUTONOMIA como BARREIRA.

(8)BDI (6)

387 (Edw) Foi muito interessante

388 esse menino foi

389 *fora-de-série*

(9) BDI 6

821(Reg) Então é por isso que eu fiz essa

822 essa modificação aqui né?

823 E aí eu dizia:

824 “A criança vai *conquistando*

825 mais e mais *autonomia*.

826 na medida em que é reconhecida

827 em sua capacidade de aprender

828 e estimulada a avançar.”

A relação entre FORÇA, um atributo físico, e PENSAMENTO, capacidade intelectual também aparece no BDI 2A, quando alguns dos participantes da conversa estão discutindo sobre um projeto de arquitetura em elaboração pelas estudantes (Sil) e (Mar). Essa conceptualização é ilustrada no excerto (10).

(10) BDI 2A

348 (Sil) Tô caqui pensando em alguma coi=sa

349 (Jo) [|Mas é

350 ||tá

351 (Mar) [|Taqui caqui caqui

352 (Jo) Tô *pensando muito forte*.

353 (Mar) Tá muito pequeno

354 né?

355 (Sil) Eu vou fazer a pista//

356 (Jo) Sossega Zenildo.

357 (Sil) Né?

358 Depois eu faço a perspectiva.

A experiência com ESCALA/QUANTIDADE aparece na conceptualização de características pessoais no BDI 3 (excerto 11), interação que se passa no alojamento masculino da UFRJ. Entre os tópicos abordados, os estudantes conversam sobre a apuração das eleições para Centro Acadêmico. Como o participante (Gab) acaba sendo alvo de brincadeiras por conta da sua fala sobre o motivo de ter votado, (Vin), outro participante, afirma que, apesar da intenção de ajudar, (Gab) estava sendo *sacaneado*. Em seguida, a falante (Sol) brinca com (And), que havia completado a fala de (Gab) de forma jocosa, motivo do comentário de (Vin). Para se defender, (And) afirma que (Gab) (ou Vin) encontrou alguém *à altura dele*.

(11) BDI 3

o60 (Sol) Ih=

o61 mi=nha

o62 ami=ga//

o63 (And) Encontrou alguém *à altura dele*

o64 né?

Em (11), a capacidade de brincar dos participantes foi conceptualizada comparativamente como uma ESCALA VERTICAL na expressão bem convencional usada por (And), demonstrando um EQUILÍBRIO DE FORÇAS. Assim, pode considerar a metáfora DISPUTAS VERBAIS SÃO FORÇAS. O esquema imagético de VERTICALIDADE aparece adiante na mesma conversa (BDI 3, excerto 12).

(12) BDI 3

151 (Gab) Olha

152 as pessoas *pequenas*

153 têm fama de serem danadas

154 hein!

155 Então

156 eu vou ficar calado

157 aqui=

158 (Elm) Porque tem um montão de *gente pequena* aqui//

159 (Gab) É.

Nesse trecho (12), a altura é empregada para caracterizar a personalidade. Essa passagem ocorre depois de (Gab) perguntar a (Vin) o que este queria ser, quando crescesse, num tom de brincadeira, visto que todos são jovens graduandos. O participante (Vin) responde a (Gab) que, se conseguir crescer, depois pensa no resto. Depois dessa resposta, (Gab) inicia seu turno de fala, afirmando que ficará calado por conta da fama de pessoas pequenas, um contexto cultural partilhado pelos interlocutores.

No excerto (13), que se passa junto ao *trailer* do alojamento da UFRJ (BDI 4), sete graduandos (4 rapazes e 3 moças) conversam sobre vários assuntos. A gravação inicia com uma conversa sobre o valor do salário mínimo, depois que uma das participantes (Iva) comenta sobre o quanto estava valendo trinta cruzados na época da gravação, em 1990. Após o comentário de (Iva), (Ita) inicia a sequência do excerto.

(13) BDI 4

007 (Ita) O salário mínimo vai mudar pro (Inint.)

008 (Iva) Você me iludiu uma vez só.

009 Você não me ilude mais.

010 Eu não acredito mais em você.

011 Eu não conFIO mais em você

012 Você não é DIGno.

013 (Car) Meu Deus!

014 (Iva) Você agora pra mim é

015 um inDIGNO

016 (Ita) Para de me elogiar

017 que vou *ficar inchado*._

018 (Car) Pode estourar_

019 Ficar *cheio de gás*

020 É perigoso né?

Observa-se, nessa passagem, uma conceptualização metafórica ligada a EMOÇÕES como uma SUBSTÂNCIA num CONTÊINER. As falas ocorrem num clima descontraído, pois, assim como nos exemplos anteriores, todos os falantes se conhecem. Nessa construção de sentidos, o CORPO seria o RECIPIENTE dos elogios, porém a analogia é irônica, na medida em que (Iva) não está elogiando (Ita). A substância a ser excedida surge do comentário de (Car), que complementa a fala de

(Ita). Essa construção de sentido envolve a compressão por ANALOGIA-DESANALOGIA, devido à ironia.

A compreensão de corpo como recipiente de emoções ocorre em várias culturas, como apontam diversos estudos sobre a forma como emoções e sensações são conceituadas a partir do efeito que causam no corpo. Forma de pensar semelhante está presente nos dois próximos excertos (14) e (15), ambos envolvendo sensações e percepções provocadas por pessoas ou eventos.

(14) BDI 9B

288 ainda ficamos até cinco e pouca
289 esperando pra começar o programa.
290 E a
291 e a Xuxa num é//
292 *é uma pessoa assim*
293 *SE-ca*
294 é=.
295 achei horrível.

(15) BDI 9C

147 (Cla) Certo.
148 (Rui) entram numa sala [gravando]
149 (Cla) [hum-hum]
150 (Rui) entendeu?
151 Então
152 isso aí é problema de //
153 (Cla) É.
154 Exatamente.
155 (Rui) Tá.
156 Por esse motivo//
157 É uma situação *MUI=to delicada*//

A conversa a que pertence o excerto (14) foi gravada numa sala de espera, entre duas mulheres que nunca tinham se encontrado. A participante que estava aguardando perguntou sobre um desenho pintado pela filha da funcionária do setor. A conversa sobre a filha levou a funcionária a contar como foi a experiência de levar a menina ao programa da Xuxa, a qual foi caracterizada como uma *pessoa seca*. A palavra *seca* remete ao domínio de SUBSTÂNCIA LÍQUIDA, por meio do qual a falante expressou a sensação causada pela apresentadora; logo, SENTIMENTO É SUBSTÂNCIA LÍQUIDA e PESSOA É FONTE DE SENTIMENTO.

Em (15), a falante (Cla) está tentando convencer (Rui) a permitir gravar interações no setor pelo qual é responsável. O fato de alguém gravar as conversas é compreendido como uma *situação muito delicada*. Pode-se postular, para essa passagem, a conceptualização EVENTO É SENTIMENTO, visto que o atendimento à solicitação de (Cla) afetaria a rotina de trabalho, causando constrangimento. Tanto nesse caso quanto em (14), observa-se a relação vital EFEITO-CAUSA, na medida em que PESSOA e EVENTO são compreendidos pelo efeito que causam aos sentidos.

O excerto (16), que integra um comício do SINDIPETRO/RJ com a finalidade de convocar os funcionários para uma manifestação, também ilustra uma construção de sentido em que EVENTO É SENTIMENTO. Nesse trecho, os sindicalistas (F1) e (F2) discursam acerca dos efeitos das medidas administrativas e econômicas de Collor para a Petrobras, defendendo que a propaganda do presidente é enganosa. Na UE 341, (F1) emprega o dito popular *careca de saber* para demonstrar o desgaste provocado pelos atos presidenciais, de modo a causar a queda dos cabelos.

(16) BDI 9D

334 (F1) Companheiros

335 não vamos entrar nessa esparrela

336 nessa propaganda do *Pinóquio de Mello*.

337 É tudo mentira!

338 É mentira

339 sim!

340 Ele é mentiroso!

341 *A gente está careca de saber disso.*

342 Não é à toa

343 que o apelido dele

344 é Pinóquio de Mello.

Nessa passagem, ocorre ainda um processo de mesclagem no apelido de Collor, *Pinóquio de Mello*, cuja representação é ilustrada na Figura 1.

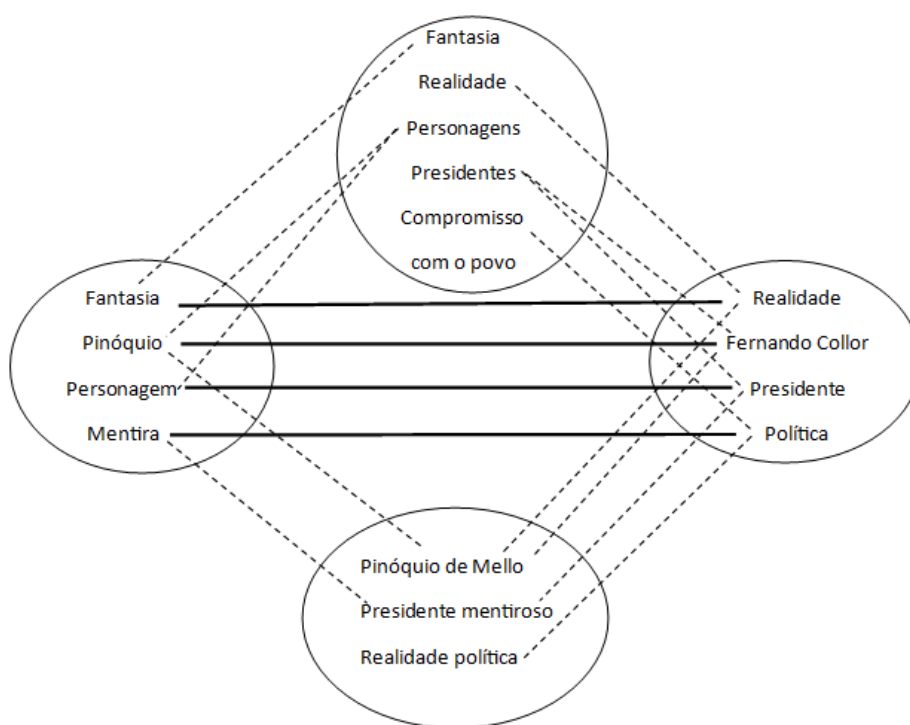


Figura 1 – Mescla *Pinóquio de Mello* (Fonte: as autoras)

No espaço mental inicial (*input 1*), ativa-se o *frame* relacionado ao personagem de histórias infantis: uma fantasia sobre um menino cujo nariz crescia a cada mentira que contava, configurando a relação metonímica PARTE-TODO, uma vez que o personagem é representado por uma parte de seu corpo: nariz. No *input 2*, observa-se o *frame* relativo presidente do Brasil, em 1990, Fernando Collor de Mello. No espaço mental da mescla, encontra a recriação da identidade Collor como mais um presidente mentiroso que não cumpriu seus compromissos de campanha.

Tal raciocínio é ativado por uma relação de (des)personificação. Nesse caso, Collor deixa os caracteres humanos para assumir a identidade de um personagem fictício. Essa caracterização resulta em uma analogia entre o presidente do Brasil e a história do boneco Pinóquio, responsável por gerar um espaço-mescla fundamentado na metáfora conceptual PESSOAS SÃO PERSONAGENS (FICTÍCIOS).

Nesse movimento de (des)personificação de Collor, existe uma relação de INTENCIONALIDADE, uma vez que se verifica um desejo do falante-sindicalista em chamar atenção para o fato de o presidente não cumprir o que prometeu em sua candidatura, configurando-se como mentiroso, e alguém, assim como os personagens fictícios, que vive em uma realidade fantasiosa.

Além disso, a caracterização de Collor como mentiroso resulta em uma relação de SINGULARIDADE para os políticos mentirosos, por meio das seguintes compressões de relações vitais: compressão das identidades por ANALOGIA do presidente com o personagem;

compressão entre CAUSA-EFEITO, representada pela mentira de Collor (causa) e efeito (Collor como Pinóquio).

Os excertos analisados aqui comprovam a recorrência de determinados domínios apontados nos estudos sobre metáfora e metonímia conceptual. Conforme aponta Kövecses (2010a), entre os domínios alvos mais recorrentes encontram-se (i) estados e eventos psicológicos e mentais – desejo, moralidade, pensamento; (ii) grupos e processos sociais – sociedade, política, economia, relacionamentos humanos, comunicação; (iii) experiências pessoais e eventos – tempo, vida, morte. Entre os domínios fonte mais comuns encontram-se (i) corpo humano; (ii) saúde e doença; (iii) animais; (iv) plantas; (v) prédios e construções; (vi) máquinas e ferramentas; (vii) jogos e esportes.

O papel do contexto também se mostrou relevante, na medida em que foi possível observar como os participantes que já se conheciam, por partilharem um mesmo ambiente físico e cultural, construíram juntos sentidos metafóricos. Isso é ilustrado, por exemplo, no excerto (13), nas UEs 016 a 020, em que os participantes constroem a ironia acerca de ficar cheio de gás, quando se é (não)elogiado.

Mesmo em passagens em que o completamento do sentido não é tão estreito, como nos excertos (1) a (4), (10) e (12), percebe-se essa construção conjunta e o acesso a elementos contextuais, sociais, enciclopédicos, linguísticos e interacionais. A ativação conjunta desses processos cognitivos e semântico-pragmáticos revela o papel coesivo do pensamento metafórico na organização conceptual da conversa, já que domínios abertos são retomados posteriormente em outra passagem da conversa, como se observou nos excertos (5) a (7), por exemplo.

O papel da mesclagem, como aponta Kövecses (2010b), também vem mostrando importância crescente, porque, acredita-se, com base nos dados conversacionais, que conceptualizações metafóricas de base metonímica envolvem a compressão das projeções seletivas de elementos ativados por mais de dois domínios ou espaços mentais. Isso vem ocorrendo nos casos em que espaços abertos para acesso a esquemas básicos de conhecimento estão relacionados a ditos populares, por exemplo, que, por serem tão gerais, acabam sendo empregados em sentidos específicos nas interações (excertos 1 a 3, 16).

Considerações finais

Espera-se que, por meio da análise proposta, tenha-se mostrado a relevância do estudo das metáforas conceptuais. Espera-se também ter contribuído para destacar a importância da obra de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), bem como os desenvolvimentos dessa obra. Embora não se possa controlar (ou motivar) a produção de metáforas em eventos reais de uso da língua, as expressões metafóricas encontradas nos dados cotidianos corroboram o papel do pensamento metafórico na construção de sentidos.

Apesar de considerar que pensamentos metafóricos não se explicam completamente por meio da projeção metafórica entre dois domínios, mas por meio da abertura de mais de dois espaços mentais, a “experiência de uma coisa através de outra”, por meio da poderosa capacidade humana de raciocinar por analogias, armazenar rotinas cognitivas na forma de esquemas imagéticos e modelos cognitivos idealizados, a que Lakoff e Johnson postularam sempre será ativada.

Referências

- CAMERON, Lynne. Metaphor and talk. In: GIBBS Jr., Raymond W. (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 197-211.
- CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.
- _____. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 1-27.
- DU BOIS, J. et alii (eds.). *Discourse transcription. Santa Barbara Papers in Linguistics vol. 4*. Santa Barbara: University of California, 1992.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.
- FILLMORE, Charles J.. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.
- GIBBS Jr., Raymond W.; COLSTON, Herbert L.. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GRADY, Joseph et alii. Blending and metaphor. In: GIBBS, R. W.; Steen, G. (eds). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 101-124. Disponível em: http://www.sscnet.ucla.edu/comm/steen/cogweb/CogSci/Grady_99.html#top. Acesso em: 11/09/2011.
- IGNACIO, Luana de Fátima Machado. *Compreensão de manchetes sob a perspectiva da mesclagem e da metáfora conceitual*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013, 183f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Orientadora: Sandra Bernardo.
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor and in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- _____. *Metaphor: a practical introduction* (2nd ed.). New York: Oxford University Press, 2010a[2002].
- _____. A new look at metaphorical creativity in cognitive linguistics. *Cognitive Linguistics* 21-4, 2010b, p. 663-697.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, [1980] 2002.

LANGACKER, Ronald W.. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

PONTEROTTO, Diane. The cohesive role of cognitive metaphor in discourse and coversation. In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 283-298.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.

Recebido em 15/09/2015. Aprovado em 12/11/2015.